

## Órbitas Tangentes

Exposição de Carla Rebelo no Sputnik the Window, Porto

23 julho a 3 de setembro 2022

Neste texto proponho estabelecer algumas relações tangentes entre elementos improváveis, tecendo considerações de teor artístico duvidosas, com o intuito de enriquecer uma aproximação ao trabalho de Carla Rebelo, pela primeira vez a solo no Sputnik The Window, e a sua exposição **Órbitas Tangentes**.

A investigação espacial é fruto da teimosia de uma meia dúzia (salvo seja) de extravagantes astrónomos e astrofísicos. No dia 12 de julho de 2022, por exemplo, foram apresentadas ao mundo as primeiras coleções de imagens infravermelhas captadas pelo telescópio espacial James Webb. Este aparelho *hi-tech*, manobrado por pessoas delirantes e especializadas, utiliza um espelho de 6,5 metros para detetar o brilho de estrelas antigas e distantes no cosmos. Estas fotografias resultam de um projeto espacial desenvolvido no âmbito de um consórcio entre cientistas e engenheiros da NASA\*, da ESA\*\* e da CSA\*\*\* e são, até à data, as imagens mais precisas do Universo longínquo a que já alguma vez tivemos acesso. À distância de um pequeno gesto, podemos ter uma ideia mais ou menos nítida de um aglomerado de galáxias, designado por SMACS 0723, a cerca de cinco mil milhões de anos-luz de distância do planeta Terra. São imagens que impressionam pela clareza com que captam a composição fluída dos elementos impermanentes porque se constitui o Universo em que existimos, e que, “verdade verdadinha”, tão pouco compreendemos.

*Sputnik* foi o programa que produziu a primeira série de satélites da União Soviética, entre 1956-1991, para a exploração do Espaço que levou aos voos espaciais tripulados. No âmbito deste programa soviético o *Sputnik 5* foi o primeiro foguetão com animais a bordo recuperados vivos. Lançado em 1960, este foguetão alcançou a (imprecisa) linha de fronteira entre a Atmosfera e o Espaço, a cerca de 110 km de altitude, transportando os cães Belka e Strelka. Creio que foi um feito humano e científico espetacular! Sei bem ser arrojado estar aqui a exaltar conquistas russas no âmbito desta “conversa”, no contexto em que atualmente vivemos<sup>1</sup>. É incontornável que enfrentamos enormes desafios e incertezas, mas algumas práticas artísticas atuais refletem precisamente isso<sup>2</sup>. Também alguma arte tem sido fruto do delírio de artistas muito pacientes. Considero a Carla Rebelo uma dessas artistas e creio que as suas obras versam sobre aspetos que interessam a todo/as. A sua prática artística, em geral, convoca os mitos sobre a origem, a perceção do tempo, a construção de memórias e rituais de passagem, temas que refletem sobre a experiência de “estar vivo”. Nesta exposição, Rebelo criou um ambiente delicado para “seres vivos”, propondo aproximações a uma melhor compreensão ao tempo em que nos encontramos. No meu entender, não deixa de ser profundamente original, entrar no ambiente criado por estas quinze obras suspensas, que não tratam o desconcerto que as guerras geram propriamente dito, e refletir sobre isso.

Em 2013, Carla Rebelo esteve em Kronstadt - São Petersburgo, na ilha de Kotlin, na Rússia, numa residência artística. Essa vivência permitiu-lhe mais tarde criar um conjunto de obras que incluem a história do carismático Forte Naval Alexandre I, uma atração local<sup>3</sup>. Este forte foi erguido numa ilha artificial no Golfo da Finlândia, em 1846, como um aparelho para a proteção da cidade de São Petersburgo. É um edifício de forma oval com um pátio no centro que, quando em atividade, podia receber cerca de 1000 soldados. Foi mais um dos inúmeros dispositivos militares construídos por Pedro I

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto, sugiro leitura *The Future Is History: How Totalitarianism Reclaimed Russia* (2017) de Masha Gessen.

<sup>2</sup> Sobre este assunto, sugiro leitura *In Isolation: Dispatches from Occupied Donbas* (2022) de Stanislav Aseyev.

<sup>3</sup> Esta residência decorreu no âmbito de um projeto mais lato de Rebelo *Viagem ao interior das cidades vividas*, com início em 2010, e que até hoje inclui estadias em duas outras cidades, Berlim (2010) e Istambul (2011).

(1672- 1725) numa extravagante estratégia de defesa do Império Russo<sup>4</sup>. As obras de Rebelo mostram-nos que a arquitetura deste edifício foi suficiente para intimidar aproximações hostis. Caricatamente talvez por isso, este forte nunca tenha efetivamente disparado uma bala. Depois de desmilitarizado, no final do século XIX, o edifício foi transformado num laboratório de pesquisa para a prevenção da Peste Negra. Em 1917 volta para as mãos da Marinha Russa e em 1983 é abandonado. Assim fica até 2007, altura em que o edificado começa a ser recuperado e um programa é elaborado para a sua ocupação. Desde 2011 é possível visitá-lo de barco e foi isso mesmo que Rebelo fez durante a sua estadia em São Petersburgo<sup>5</sup>. Da série de obras que a artista realizou a propósito deste forte, destaco a escultura tecida *Anatomia da Proteção I* (2015), que interpreto como algo relativo à complexidade das relações “fortemente delicadas” que se estabelecem na fina fronteira entre “ações de defesa” e “ações de resistência”<sup>6</sup>.

Sput&nik The Window, é o nome do Project Room que a Ana Efe e o Luís Xavier criaram em 2009, e que programam, desde então, sem interrupções. Na altura eram mais raros os espaços de exposição que refletiam uma programação menos convencional na cidade do Porto. Foi esta sua natureza experimental, e periférica à cena artística pós-Porto 2001, que de certo modo inspirou Efe e Xavier a chamar ao seu projeto curatorial Sput&nik The Window. Um trocadilho espirituoso que me sugeriu, a propósito da exposição de Carla Rebelo, relacionar programas espaciais e arte contemporânea. Coincidência ou não, também este programa de curadoria contou com diversos animais. Mais precisamente o Pulgas<sup>7</sup>, a Lupa<sup>8</sup>, o Steve<sup>9</sup>, o Tobias<sup>10</sup>, a Nina<sup>11</sup>, a Luísa<sup>12</sup>, o Eiriz<sup>13</sup> e a Olívia<sup>14</sup>, fiéis companheiros de missões artísticas. Isto pode parecer um dado nada relevante, o/a leitor/a que me perdoe o desvio, mas senti necessidade de fazer uma singela homenagem a estes seres carismáticos, todos resgatados de condições de vida inomináveis, com quem por vezes convivi, e que de certo modo caracterizam a excentricidade deste Project Room. O Sput&nik The Window é um espaço que tem, quer se goste ou não, consistentemente acolhido projetos de artistas portugueses, e não só, que não vemos em mais lugar algum.

As órbitas e as tangentes que Carla Rebelo criou para este espaço, não são exatamente as mesmas órbitas e tangentes captadas pelo telescópio James Webb. Parece-me que esta exposição transformou o Sput&nik The Window numa galáxia, do que propriamente num telescópio. Uma galáxia, a que dou o nome de REBEL 1340, cujas estrelas e planetas estão envoltas em gás e pó, tal como em todas as galáxias, mantidas juntas por uma atração gravitacional em contínuo (des)equilíbrio.

Sofia Ponte

[www.sofiaponte.net](http://www.sofiaponte.net)

18 julho 2022

*Órbitas Tangentes* é uma instalação de dimensões variáveis que se constitui por 15 objetos de madeira, papel perfurado e fio de algodão.

\* National Aeronautics and Space Administration (NASA) | \*\* European Space Agency (ESA) | \*\*\* Canadian Space Agency (CSA).

---

<sup>4</sup> Apesar de nunca ter disparado uma bala, o forte teve um papel relevante durante o conflito da Crimeia (1853-1856). Sobre este assunto sugiro a leitura de *A Mais Breve História da Rússia* (2021) de José Milhazes.

<sup>5</sup> Algumas destas informações foram consultadas na [en.wikipedia.org](https://en.wikipedia.org) (*Fort Alexander (Saint Petersburg)*), no dia 16 de julho de 2022 às 13h58.

<sup>6</sup> Recomendo visita ao URL [www.carla-rebelo.com](http://www.carla-rebelo.com)

<sup>7</sup> (1992 – 2011); <sup>8</sup> (1996-2010); <sup>9</sup> (2003-2017); <sup>10</sup> (2005-2022); <sup>11</sup> (n.2005); <sup>12</sup> (n.2005); <sup>13</sup> (2008-2020) e <sup>14</sup> (n.2012).